

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO INFANTIL**

JOSIANE DOS SANTOS FRAGA

**NÃO SOU PROFESSORA SÓ DE PAPEL:
Interações, trocas e significados numa turma de crianças de 4 anos**

**SÃO LEOPOLDO
2016**

Josiane dos Santos Fraga

NÃO SOU PROFESSORA SÓ DE PAPEL:

Interações, trocas e significados numa turma de crianças de 4 anos

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação Infantil, pelo Curso de Especialização em Educação Infantil da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Orientador(a): Profa. Dra. Marita Martins Redin

São Leopoldo

2016

JOSIANE DOS SANTOS FRAGA

**NÃO SOU PROFESSORA SÓ DE PAPEL:
AS POSSIBILIDADES NA FAIXA ETÁRIA 04 ANOS DE IDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Educação Infantil, pelo Curso de Especialização em Educação Infantil da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Aprovado em: ____/____/2016

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Marita Martins Redin – Orientadora

Prof. Ms. Rosane Romanini – 2ª Avaliadora

AGRADECIMENTOS

Agradeço...

a Deus, pela vida que me deu e por me guiar pelos caminhos que escolho;

ao meu marido José Eugênio, pela paciência, pela compreensão e pelo apoio para continuar a buscar novas metas na minha vida profissional, pois o seu apoio foi fundamental. É muito bom saber que posso contar com você;

aos meus filhos Gabriel e Gabriela, pela minha ausência durante esse período. Não foi fácil ter deixado vocês para ir em busca dos meus sonhos, mas acredito que servirá de inspiração para vocês futuramente. Quando temos metas e sonhos devemos ir atrás deles, só não podemos esquecer-nos de amar as pessoas que fazem parte da nossa vida. Nunca deixei e nem deixarei de amar vocês, meus amores;

à equipe diretiva da escola, Janete e Rita, que me cedeu o espaço para a pesquisa e esteve sempre me apoiando na minha proposta, sendo parceira e pensando no melhor para as crianças que estão inseridas naquele espaço. Se não tivéssemos trabalhado em grupo, eu não teria conseguido chegar ao resultado que esperava;

à minha colega Lucilene, pois dividir uma turma não é fácil, ainda mais quando temos uma colega cheia de ideias e que deseja mudar as coisas e você se demonstrou parceira em todos os momentos, contribuindo para o enriquecimento deste espaço também;

aos meus pais, que me apoiaram e contribuíram para a reorganização deste espaço;

às crianças que participaram, sem saber, e, mesmo assim, se debruçaram como autores da construção deste espaço, pois sem eles nada teria acontecido;

aos mestres, que sempre se demonstraram dispostos a nos desafiar. Acredito que aprendi muito e que vocês conseguiram deixar um gostinho de quero mais. Gostaria de poder falar de cada um de vocês, mas vou me deter em apenas um, ao querido Paulo Fochi, muito obrigada, grande mestre, por me fazer pensar em uma Educação Infantil Mil Vezes Linda;

à prof^a Mestre Queila Vasconcelos, pela paciência que teve comigo. Ela se mostrou, além de uma grande Mestre, uma pessoa comprometida com o que faz, pois não tinha horário e nem dia, sempre que eu precisava de ajuda lhe procurava e ela, atenciosamente, me ajudava. Meu muito obrigada;

às colegas, essas que, muitas vezes, foram mais que colegas, foram minhas amigas, umas preocupadas com as outras. Obrigada, meninas, por terem feito parte da minha vida;

à minha Orientadora, porque sem ela eu não teria conseguido; pois quando falava na sua aula sobre materiais e espaços, me deixava cada vez mais encantada. Tenho a certeza de que aprendi muito com você e que será a minha inspiração. Muito obrigada por ter me ajudado a crescer profissionalmente e me fazer pensar numa educação infantil diferente.

Para a criança, o espaço é o que sente, o que vê, o que faz nele.
Portanto, o espaço é sombra e escuridão; é grande, enorme ou, pelo contrário, pequeno; é poder correr ou ter que ficar quieto, é esse lugar onde ela pode ir para olhar, ler, pensar.
O espaço é em cima, embaixo, é tocar ou não tocar; é barulho forte, forte demais ou, pelo contrário, silêncio, são tantas cores, todas juntas ao mesmo tempo ou uma única cor grande ou nenhuma cor...
O espaço, então, começa quando abrimos os olhos pela manhã em cada despertar do sono; desde quando, com a luz, retornamos ao espaço.

Lina Iglesias Forneiro

RESUMO

Este estudo tem como finalidade problematizar as relações entre o espaço físico da sala de educação infantil e as possíveis aprendizagens que tal organização pode proporcionar. O estudo foi realizado em uma escola de educação infantil no Município de Bom Princípio/RS, na turma Faixa etária 4 anos de idade e partiu de algumas inquietações que começaram a fazer com que eu repensasse a minha prática pedagógica, pois ao iniciar o ano letivo, comecei a perceber que a organização precisava ir além das paredes decoradas de E.V.A. e se construir um espaço que possibilitasse interações, trocas, e significados. Paredes onde retratassem o que estava acontecendo, demonstrando como estava ocorrendo nossas aprendizagens, fugindo dos modelos e recortes tradicionais. A pesquisa terá metodologia qualitativa, sendo de intervenção e uma pesquisa participante. Além de reorganizar este espaço, também buscou-se proporcionar interações diversificadas; na realização das atividades, teve-se como objetivo a experimentação, a vivência com novas alternativas, fugindo um pouco dos modelos tradicionais, porque para muitos professores só acontece aprendizagem se tiver registro no papel, caso contrário para estes a criança apenas brinca, sendo algo sem valor. Então, minha pesquisa busca contribuir para o processo formativo do professor de educação infantil.

Palavras-chave: Espaço. Material. Criança. Interações/Experiências.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|-----------------|----|
| Figura 1 | 21 |
| Figura 2 | 21 |
| Figura 3 | 22 |
| Figura 4 | 22 |
| Figura 5 | 22 |
| Figura 6 | 23 |
| Figura 7 | 24 |
| Figura 8 | 24 |
| Figura 9 | 25 |
| Figura 10 | 25 |
| Figura 11 | 26 |
| Figura 12 | 26 |
| Figura 13 | 26 |
| Figura 14 | 29 |
| Figura 15 | 29 |
| Figura 16 | 30 |
| Figura 17 | 30 |
| Figura 18 | 31 |
| Figura 19 | 32 |
| Figura 20 | 33 |
| Figura 21 | 33 |
| Figura 22 | 34 |
| Figura 23 | 34 |
| Figura 24 | 35 |
| Figura 25 | 36 |
| Figura 26 | 36 |
| Figura 27 | 36 |
| Figura 28 | 37 |
| Figura 29 | 38 |
| Figura 30 | 39 |
| Figura 31 | 39 |
| Figura 32 | 39 |
| Figura 33 | 40 |
| Figura 34 | 40 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 9 |
| 2 QUAL A IMPORTÂNCIA DO AMBIENTE PARA A APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS | 11 |
| 2.1 Espaço x Ambiente | 13 |
| 2.2 Interações: Trocas e Significados | 14 |
| 2.3 Experiências | 15 |
| 3 A REORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO E DOS MATERIAIS..... | 19 |
| 3.1 Como era o ambiente | 20 |
| 3.2 Como ficou..... | 21 |
| 3.3 O que aconteceu a partir disso | 27 |
| 4 ASPECTOS MAIS SIGNIFICATIVOS: LIBERDADE DE ESCOLHA E AUTONOMIA | 29 |
| 5 O INTERESSE E ENVOLVIMENTO NAS ATIVIDADES A EXPERIÊNCIA | 32 |
| 6 AMPLIAÇÃO DA EXPLORAÇÃO DOS MATERIAIS | 35 |
| 7 O BRINCAR COM SIGNIFICADO | 38 |
| 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 41 |
| REFERÊNCIAS..... | 43 |

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa surgiu para sanar algumas inquietações que venho encontrando no cotidiano escolar, fazendo com que eu repensasse a minha prática pedagógica com crianças pequenas e o espaço no qual elas estão inseridas, devendo ser um espaço que possibilite interações, trocas, experiências e significados para essas crianças, para que aconteçam aprendizagens significativas.

O objetivo da pesquisa foi valorizar a experimentação, a vivência com novas alternativas e a documentação pedagógica como meio de registro das atividades. Acredito que será de grandes aprendizagens e crescimento no meu fazer pedagógico, além de ser repleto de desafios, descobertas e aprendizagens para o grupo que está envolvido nesta pesquisa.

Com isso, utilizei-me de autores que defendem a importância da exploração de materiais diversificados e de um espaço enriquecedor de possibilidades e de interações, um espaço no qual haja vida, onde a criança se sinta pertencente e construtora do mesmo. Dessa forma, o referencial teórico buscado foi Maria da Graça Horn, Maria Carmem Barbosa, Miguel Zabalza, Carolyn Edwards, Lella Gandini, George Forman e Anna Marie Holm. Também me utilizei de autores que acreditam na importância do brincar, sendo eles Janet R. Moyles e Euclides Redin, os quais defendem o brincar como direito da criança e que através desse brincar a criança faz relações e descobertas, criando novas aprendizagens.

Para esta pesquisa utilizo a metodologia qualitativa, sendo uma pesquisa participante.

Portanto, esta monografia pretende contribuir para o processo formativo do professor de educação infantil. Assim, ele poderá enriquecer o seu planejamento, demonstrando a importância de potencializar os interesses apresentados pelas crianças, podendo refletir e acompanhar as problematizações que irão surgir, utilizando diferentes tipos de instrumentos de observação, registro e análise para acompanhar este processo.

Na primeira parte da monografia será apresentado o campo teórico, sendo realizada uma conversa com os autores. A problemática a ser discutida, partindo do estudo sobre o que dizem os autores, será: Qual a importância do ambiente para a aprendizagem das crianças. Em seguida, serão delimitados os conceitos, buscando

a diferenciação entre Espaço x Ambiente, discutindo Interações como trocas e significados, e, em seguida, refletindo sobre a experiência.

Na segunda parte, será abordada a parte metodológica. Será apresentado o porquê da minha intervenção na organização do espaço e dos materiais, descrevendo como era o ambiente antes, como ficou e o que aconteceu a partir disso. Para realizar a análise desta mudança, foi utilizado o registro fotográfico, mostrando a reorganização do espaço da sala referência de uma turma de crianças de quatro anos e fazendo as considerações acerca dos resultados alcançados.

Na terceira parte, apresento os aspectos mais significativos do trabalho realizado, sendo esses a liberdade de escolha e a autonomia. Os registros foram feitos através de observações das ações que as crianças apresentaram, fazendo o paralelo de como era a sala referência antes desta mudança.

Na quarta parte, apresento o interesse e o envolvimento das crianças nas atividades e a experiência. Pode-se perceber o quanto as crianças estavam envolvidas nas atividades que proporcionavam a experiência rica e quantas aprendizagens estavam acontecendo.

Na quinta parte, apresento a ampliação da exploração de materiais diversificados e ampliando as possibilidades de criação por parte das crianças, manuseando elementos da natureza e materiais não estruturados para enriquecer as suas experiências.

Na sexta parte, apresento o brincar com significado. Este que por muitas vezes é deixado de lado, porque brincar, para muitos profissionais de ensino, é considerado menos importante do que realizar “trabalhinhos”. Porém, através da pesquisa e dos registros, pudemos perceber o quão importante é o brincar na infância e que o professor tem um papel muito importante no momento em que a criança brinca; ele deve fazer a escuta deste brincar, para que depois possa criar novas estratégias e desafiar a criança a novas aprendizagens.

Na sétima parte, apresento as considerações finais, quando reforço o que realmente acredito e que nós professores devemos nos desafiar e nos capacitar. Assim, dou a minha contribuição para uma educação infantil de melhor qualidade.

2 QUAL A IMPORTÂNCIA DO AMBIENTE PARA A APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS

O interesse neste assunto surgiu de algumas inquietações, que me deixam incomodado, querendo fazer diferente, mesmo que este diferente seja o que muitos acham que não irá adiantar. Quando comecei a fazer algumas mudanças na minha prática, logo vieram questionamentos, que não iria durar os brinquedos que estava fazendo e onde ficaria o registro do papel, sendo as atividades. Então, fiquei mais incomodada e pude ter a certeza que estava no caminho certo, que iria provar através da pesquisa que o espaço no qual a criança está inserida tem relação com as aprendizagens e que não é apenas no papel que se mostra o que se sabe ou não. Malaguzzi (1999, apud HORN, 2004, p. 101) considera que:

O modo como nos relacionamos com as crianças é fundamental, pois isso influencia nossas motivações e nossas aprendizagens, sendo que o ambiente deve ser preparado de forma a interligar o cognitivo ao relacionamento e à afetividade.

Temos que ter um olhar diferenciado na educação infantil, para poder qualificar este espaço e as atividades que iremos proporcionar para o grupo as crianças. Malaguzzi (1999, apud Edwards, 1999) afirma que o papel dos adultos é tentar capturar os momentos mais adequados e, então, descobrir abordagens pertinentes para, em um diálogo produtivo, captar as interpretações das crianças.

Nas Diretrizes Curriculares nacionais para educação infantil (2009), já consta a importância da organização dos espaços nas escolas de educação infantil. Isso também ocorre em documentos de nível estadual, afirmando que:

é importante ressaltar que os espaços destinados aos agrupamentos das crianças de diferentes faixas etárias não podem ser considerados salas de aulas na perspectiva tradicional, mas, sim, como espaços-referência para cada grupo de crianças. Isso implica pensar que nesse local a proposta não é organizá-lo e gerenciá-lo para que “aulas” aconteçam, mas priorizar que nele experiências educativas possam ser vividas pelas crianças. (FLORES e ALBUQUERQUE, 2015, p. 69)

A citação acima, que trata da temática espaço, vem de encontro com o que acredito: que as aprendizagens acontecem quando as experiências estão envolvidas. De nada adianta dar desenhos para pintar ou fazer cópia de letras, se a criança não sentir a tinta, explorar lápis diferentes, fantasiar nos cantos temáticos,

onde ela cria enredos, demonstrando a sua autonomia, entre outras possibilidades que podem acontecer neste espaço destinado às crianças. E, para construir esse espaço, deve-se ter um olhar observador, para perceber o que as crianças realmente querem que tenha e por que não construir juntos com eles e com a família. Se esse lugar é para eles desfrutarem, nada mais justo do que serem participantes ativos desta construção. Horn (2004, p. 87) afirma que:

Se a professora permite às crianças a construção desses espaços, compartilhando com os alunos as suas normas de funcionamento, certamente vínculos de confiança serão estabelecidos. As possibilidades de múltiplas vivências permitirão o contraponto nas ideias e nas opiniões diferentes entre as crianças, estabelecendo na sala de aula um clima de cumplicidade.

Pude perceber que durante as modificações realizadas na sala referência, sendo estas os cantos temáticos, consegui junto ao grupo de crianças estabelecer um laço de confiança e cumplicidade. O olhar de um educador também deve ser sensível, para que quando a criança esteja se desafiando nos cantos temáticos e o docente não interfira no que está acontecendo de um modo agressivo, de repreensão; este deve ser cheio de intencionalidade, para que se possam criar novos desafios para as crianças.

O documento estadual que prevê a implementação do Proinfância¹ enfatiza a importância da interação para o desenvolvimento da criança.

As crianças, ao interagirem nesse meio e com outros parceiros, aprendem pela própria interação e imitação, conseqüentemente quanto mais este espaço for desafiador e promover atividades conjuntas entre parceiros, quanto mais permitir que as crianças se descentrem da figura do adulto, mais fortemente se constituirá como parte integrante da ação pedagógica. (FLORES e ALBUQUERQUE, 2015, p. 71)

Assim, a criança inicia um processo de descentralização da figura do educador, se envolvendo nos desafios dos materiais, dos brinquedos e de modo como organizamos o espaço. As autoras também afirmam que

¹ O ProInfância é um programa de assistência financeira ao Distrito Federal e aos municípios para a construção, reforma e aquisição de equipamentos e mobiliário para creches e pré-escolas públicas da educação infantil.

Nesse cenário, o adulto envolvido nessa prática deverá observar criteriosamente seu grupo de crianças e pensar o que, como e porque disponibilizar diferentes materiais de toda ordem e de diferentes naturezas, estruturados e não estruturados, tudo o que possa permitir a interação e a construção de conhecimento da criança). (FLORES e ALBUQUERQUE, 2015, p. 70)

Maria da Graça Horn (2004, p.79), afirma que “o quanto o ambiente pode ser propulsor do desenvolvimento infantil quando é rico e desafiador”. Baseada na autora, acredito que se tivermos um ambiente rico e desafiador, várias aprendizagens estarão acontecendo durante o processo do desenvolvimento infantil. Dessa forma, é fundamental “Ler o ambiente; do contrário, corre o risco de perder algumas coisas ou de interpretar outras de forma errada” (apud HORN, 2004, p. 66), como diz uma professora da Escola Villeta/Régio Emília. Quanto mais desafiadores forem o espaço e o ambiente, mais interações serão possíveis entre as crianças, que vão construindo nesse processo aprendizagens significativas.

Cada escola cria seus espaços, conforme a cultura de cada grupo de professores, sendo o que traz consigo, muitas vezes acontece de copiarem os modelos que algumas escolas e não veem neles resultados esperados. Vejo dois fatores importantes: a necessidade que o grupo de professores seja participante da construção dos novos espaços, como também considerar a cultura daquele local e aos poucos ir desconstruindo alguns conceitos que sabemos que não contribui para o processo de aprendizagem de uma educação infantil de qualidade.

2.1 Espaço x Ambiente

Quando iniciou o ano letivo de 2015, fiz decorações lindas de E.V.A. na sala de uma turma de crianças de quatro anos onde atuava como professora. Pensava que estava tudo perfeito, mas quando comecei as aulas do Curso de especialização em educação infantil percebi que nada adiantava aquela decoração que estava linda para mim, mas que não considerava a participação das crianças. Não há sentido para as crianças, se não participaram de nada.

Optei por ter como foco da minha pesquisa a investigação do papel do espaço e dos ambientes para a aprendizagem das crianças daquela turma. Percebi que a sala não demonstrava o retrato daquele grupo, pois faltava ter ali um ambiente instigante, porque o espaço já existia. Então, o meu ponto de partida, foi repensar junto com as crianças e ter um olhar atento ao que elas queriam que tivesse. Uma

das minhas inquietações era saber a diferença entre espaço e ambiente, pois sabemos que são conceitos intimamente ligados, mas precisamos distinguir um do outro. Forneiro (1998, p. 233) descreve o conceito destes dois termos:

O termo “espaço” se refere aos locais onde as atividades são realizadas, caracterizados por objetos, móveis, materiais didáticos, decoração. O termo “ambiente” diz respeito ao conjunto desse espaço físico e às relações que nele se estabelecem, as quais envolvem os afetos e as relações interpessoais do processo, os adultos e as crianças; ou seja, em relação ao espaço, temos as coisas postas em termos mais objetivos; em relação a ambiente, as mais subjetivas. Desse modo, não se considera apenas o meio físico ou material, mas também as interações resultantes dele. Este é um todo indissociável de objetos, de odores, de formas, de cores, de sons e de pessoas que habitam e relacionam-se dentro de uma estrutura física determinada que contém tudo e que, ao mesmo tempo, é formada por esses elementos que pulsam dentro dela como se tivessem vida. Por isso dizemos que o “ambiente “fala”, transmite-nos sensações, evoca recordações, passa-nos segurança ou inquietação, mas nunca nos deixa indiferente”.

Então, fiquei mais convicta de que não bastava apenas mudar o ambiente, colocar coisas dentro, fazer ficar do jeito que o professor gosta. Precisava perceber relações de aprendizagem, de interação da criança com o meio, fazendo que o espaço se transformasse em um ambiente, em um lugar de descobertas, convidativo para a ação das crianças. Sendo assim, a nossa sala começou a ter outro jeito que vem de encontro com o que diz Horn (2004, p. 79), quando ela traz que “fica ilustrado o quanto o ambiente pode ser propulsor do desenvolvimento infantil quando é rico e desafiador”.

2.2 Interações: Trocas e Significados

A interação que o sujeito estabelece com o meio que está a sua volta é essencial para as aprendizagens e o desenvolvimento infantil. Conforme afirma Wallon (1993, apud Horn, 2004, p. 16):

Qualquer ser humano biologicamente social desde seu nascimento. Por conseguinte, deve adaptar-se ao meio social, no qual todas as trocas produzidas são a chave para as demais. Assim, entende-se que sozinho o bebê não sobrevive, e que a sobrevivência depende da intermediação de parceiros mais experientes. Em razão disso, o meio assume uma importância significativa, assim como o papel do grupo, podendo-se inferir que os espaços destinados a crianças pequenas deverão ser desafiadores e acolhedores, pois, conseqüentemente, proporcionarão interações entre elas e delas com os adultos. Isso resultará da disposição e materiais, das

cores, dos odores, dos desafios que, sendo assim, esse meio proporcionará às crianças.

Durante a realização dessa investigação pôde-se perceber o envolvimento das crianças com o ambiente, pois a relação com os objetos colocados, com o espaço que fomos construindo, também foram retratadas nas paredes que mostravam o que estava acontecendo. Quando os familiares chegavam, as crianças demonstravam alegria e compreensão do que estávamos fazendo, relatando sobre isso aos seus pais. Esses relatos faziam com que eu ficasse cada vez mais segura de que estava indo no caminho certo com aquele grupo

A sala foi modificada para se tornar um ambiente convidativo e para desafiar as crianças organizadas de maneira que poderiam escolher as experiências em pares ou individualmente. Isso foi se construindo, como também as nossas combinações de como cuidar desse ambiente. Como todos estavam envolvidos, cuidavam e reorganizavam de outra maneira se assim achassem importante. Em alguns momentos, eu participava como protagonista das brincadeiras e em outros, apenas observava e registrava. Participar das brincadeiras era encantador. Entrar na fantasia, viajar na imaginação junto com eles era fantástico e o melhor de tudo era poder ver várias aprendizagens estarem acontecendo, usando diferentes linguagens para se expressar, permitindo conhecer- se e conhecer o outro. O que estava acontecendo na nossa sala vem de acordo com o que Horn cita, afirmando que

Partindo do entendimento de que as crianças também aprendem na interação com seus pares, é fundamental o planejamento de um espaço que dê conta dessa premissa, permitindo que, ao conviver com grupos diversos, a criança assuma diferentes papéis e aprenda a se conhecer melhor. (HORN, 2004, p. 18).

2.3 Experiências

A sensação de tocar, ouvir os sons, sentir os sabores e aromas que cada lugar pode transmitir, se torna uma experiência única. Quantas vezes ouvimos uma música, sentimos um cheiro, tocamos em um objeto ou até um sabor de uma comida, fazendo com que nos remeta a nossa infância, assim nos trazendo recordações, que por sua vez podem ser boas ou não. No espaço da escola não pode ser diferente; ele deve ser um lugar que deixe saudade, recordações, mas para

isto acontecer precisa desencadear experiências com as vivências que devem ser proporcionadas nesse ambiente. Conforme Zabalza (1998, p. 60): “o que deixa marcas permanentes é uma experiência concreta, uma oportunidade para fazer algo diferente, mas muito envolvente, capaz de captar todos os sentidos do estudante e do professor(a)”.

O espaço em que estamos tem que ser algo vivo, sendo aquele local em que, quando entramos, não sentimos vontade de sair. Para isso, não precisa se ter nada de luxuoso nele, mas precisa-se de um professor cheio de intencionalidade, para criar junto com o seu grupo novas possibilidades. Reutilizando materiais que seriam descartados, como também materiais mais concretos, mais próximos da realidade que as crianças vivem, não dando tanta ênfase ao consumismo infantil, por que hoje em dia o mercado, a mídia está sempre induzindo a criança a querer mais brinquedos novos, são formas de se transformar o espaço em algo saudável e rico. Durante uma propaganda da televisão de canal fechado, destinado ao público infantil, só aparecem brinquedos para a venda e as crianças ficam querendo. Podemos ver que quando ganham um brinquedo novo, brincam um pouco e depois descartam. Quando é um material mais concreto, como painéis da cozinha que, na casa nem sempre estão ao seu alcance, elas demonstram mais valor este tipo de materiais do que pelos brinquedos novos.

Um local onde a criança compartilha das suas experiências, tanto em grupo como em alguns momentos individuais, é no brincar. Durante a pesquisa, consegui perceber que isto estava acontecendo e que as crianças preferiam os brinquedos que nós construímos ao invés do que os industrializados. Então, concordo com a autora Maria da Graça Horn (2004, p. 44), quando ela afirma que “espaço é vida. É desafio, como experiência compartilhada, espaço que não é somente da professora”.

Na verdade este local não é da professora, mas é do grupo. Enquanto estive com eles, consegui ver que este local não era meu, mas sim daquelas crianças que utilizavam àquele ambiente. Durante a nossa tarde, haviam vários momentos: os momentos em que nós realizávamos atividades coletivas, mas também as de interesse individual, como também os momentos em que eles enriqueciam suas experiências, na escolha do que queriam fazer. Em alguns momentos uns brincavam na casinha de bonecas, utilizando rolinhos de papel higiênico e tecidos com os quais foram confeccionados roupas e moveis para a casa de bonecas; outros preferiam

brincam com cones, pedras e carrinhos; tinha um grupo que transformava tudo em uma banda musical; a casinha, que foi feita de caixa de papelão, também era um cenário enriquecedor para eles, pois ali tinha utensílios concretos que deixava o grupo encantado; também tinha as duplas que preferiam sentar e brincar com jogos de encaixe e memória. Assim era a nossa tarde. Durante esse tempo que as crianças construía suas brincadeiras, percebia-se a autonomia e as combinações que eles mesmos faziam, pois quando um não queria mais a brincadeira saía e ia para outro grupo brincar. Quando queria reunir o grupo, ia anunciando que daqui a pouco iríamos fazer outra coisa. E funcionava tranquilamente.

Percebo que o meu entendimento sobre prática educativa vem de encontro com o autor Ganaza (ano 2001, apud HORN, 2004, p. 78), pois o mesmo afirma que:

Quando diz que esta é uma prática educativa que se fundamenta no interacionismo, cujo ponto de partida é a aprendizagem em interação, considerando o contexto cultural como fator preponderante no desenvolvimento humano. Sob essa perspectiva, as crianças aprendem por meio de sua própria atividade, não somente física, mas, em especial, mental, ainda mais se os contextos forem ricos e desafiadores.

Enriquecer esse espaço não é algo difícil quando estamos envolvidos no que fizemos, quando temos claro de que nós, professores, escolhemos estar lá na escola com as crianças, que isto foi uma opção nossa. Sabemos que as crianças não podem escolher isto para elas, pois é imposto e percebemos muito algumas falas de professores que nos deixam entristecidos com sua falta de compromisso com a sua escolha. Ouvei falas como “não sou paga para isto”, “a escola deve comprar brinquedos”. Concordo que a escola deva enriquecer também o repertório, mas de nada adianta “largar” vários brinquedos novos se o professor não está envolvido. Serão mais uns brinquedos estragados e quem vai levar a culpa serão as crianças que “não sabem brincar”. Mas será que elas não sabem brincar ou falta um professor envolvido com as experiências das crianças e junto com elas para enriquecer o repertório? Faço essa reflexão, porque me faz lembrar que durante minha pesquisa, muitos comentários desagradáveis foram feitos. Não acredito que tenha sido por maldade, mas por falta de coragem de fazer diferente, pois é mais fácil reclamar do que fazer. Mas o melhor de tudo é ver que os resultados foram positivos, que houve experiência entre as crianças no ambiente em que estavam. Fazendo um paralelo com as linguagens que ali estavam presentes, devemos

perceber que elas ocorrem nas interações, nas experiências, nas linguagens, demonstrando assim a capacidade da criança aprender. Conforme Zabalza (1998, p. 51),

É sobre a linguagem que vai sendo construído o pensamento e a capacidade de decodificar a realidade e a própria experiência, ou seja, a capacidade de aprender. É preciso, então, criar um ambiente no qual a linguagem seja a grande protagonista: tornar possível e estimular todas as crianças a falarem; criar oportunidades para falas cada vez mais ricas através de uma interação educador (a) – criança que faça colocar em jogo todo o seu repertório e superar constantemente as estruturas prévias.

Nos momentos das suas interações, ficava nítida a relação das crianças com a linguagem, nos seus repertórios diversificados. Quando estavam junto comigo, relatavam as suas experiências, sem perceber que estavam documentando para mim as aprendizagens que fizeram junto ao grupo, individualmente ou até comigo mesmo, como também com o meio que eles estavam vivenciando.

3 A REORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO E DOS MATERIAIS

Para iniciar a reorganização do espaço da sala referência, realizei observações nas ações das crianças e, através da nossa roda de conversas, fiz a escuta do que as crianças desejavam naquele espaço. Eles relataram que desejavam que na sala tivesse brinquedos, como: casinha de bonecas, cozinha, pista, carrinhos. Após ouvi-los fiz a pergunta: “Por que vocês querem estas coisas?” e a resposta veio: “Para brincar”.

A sala era um espaço no qual haviam mesas, uma televisão, uma bancada, um armário que ficava embaixo dos nichos das mochilas, uma mesa da professora e os materiais das crianças. Não havia brinquedos ou jogos na sala; havia uma sala na escola onde ficavam todos os jogos e brinquedos e quando queríamos usá-los, tínhamos que ir até a sala busca-los. Eu achava ruim ser deste modo, porque assim as crianças não tinham como escolher o que elas queriam jogar, montar ou brincar, porque era a professora quem fazia a escolha. Às vezes, não tinha nem o que a professora desejava, pois outra turma estava usando.

Então, comecei a refletir sobre a sala de aula e a pensar nesse espaço como um lugar desafiador e provocador de aprendizagens, onde a criança possa criar novas possibilidades e enredos, onde a criança possa ter autonomia. A intervenção começou a acontecer na sala, para que estas crianças tivessem os seus direitos garantidos, através do respeito das suas escolhas, objetivando que os alunos se sentissem pertencentes àquele espaço e onde fossem retratadas as suas experiências, através de suas vivências. Pensando assim, concordo com o que diz Forneiro (1998, apud HORN, 2004, p. 28):

Um dos critérios que devem ser considerados quando pensamos em espaços desafiadores e provocadores de interações e aprendizagens na educação infantil é a possibilidade dessa organização espacial ser transformada. Para isso, os móveis devem ser flexíveis, os objetos e os materiais devem estar diretamente relacionados às situações imprevisíveis que ocorrem ao longo da jornada de trabalho e que não foram necessariamente planejadas.

Junto com a organização do espaço, foi pensado na reutilização de alguns materiais, para que as crianças manuseassem e explorassem a diversidade de materiais, dando ênfase aqueles de fácil acesso e que muitas vezes estão presentes no cotidiano da criança, tais como: tampinhas, gravetos, tintas, canetões, pedras,

pinhas, tecidos, elementos da natureza e materiais não estruturados, entre outros. Também começou-se a considerar todas as formas de relação que as crianças fazem com o espaço e com os materiais e também, ouvi-las. Observar, nas suas brincadeiras, quais as interações que estavam estabelecendo com o mundo e com as pessoas.

3.1 Como era o ambiente

Um ambiente em que a professora havia sido a única organizadora daquele espaço, onde muitas vezes havia medo de mudar e de não ser bem aceita, porque quando dava uma sugestão, dizendo como acreditava que deveria ser, sempre apareciam as pessoas que diziam, “não adianta, a direção não vai deixar mudar”. Por não ficar contente com as respostas, conversei com a direção e fiz minhas colocações, que achava que a sala precisava passar por algumas mudanças e que minha proposta de trabalho era voltada para a observação e, partindo disto elaborar o planejamento. relatei ainda que não acreditava em um trabalho onde o professor é o detentor do saber, que não achava importante dar folhas prontas para as crianças pintarem. Que também gostaria de modificar a sala, começando pelo balcão que estava abaixo do nicho e de criar objetos para as crianças brincarem. Também coloquei que me incomodava o distanciamento da sala de brinquedos e jogos, que eu achava que os brinquedos deveriam ser distribuídos para as salas. A direção se colocou a disposição para as mudanças, dizendo que na minha sala poderia fazer as mudanças necessárias e que apenas esta sala funcionaria dessa forma. A direção iria ver como funcionaria.

Naquele ambiente haviam decorações de E.V.A., como a chamada, que era uma árvore, com prendedores para colocar a ficha do nome. O alfabeto era dentro de potes de mel, e estava exposto na parede ficando no alto, fora do alcance das crianças, porque o alfabeto era uma das exigências da Secretaria de Educação, que, a partir da faixa etária quatro anos, tinha que estar exposto. As mesas ficavam em um canto da sala e nas paredes, não havia nada exposto, porque os trabalhos das crianças eram para serem guardados nos arquivos, chamados de portfólios. Esta decoração em E.V.A. foi realizada por mim, no início do ano, mas como já coloquei no capítulo anterior, as aulas da especialização me deram um outro olhar para a educação infantil. Percebo que se tem muito forte na educação infantil estas

decorações de E.V.A., que não fazem sentido nenhum para a criança, pois ela não fazem parte da construção delas. Abaixo seguem as figuras 1 e 2, que mostram como era a sala antes da reorganização. Pode-se perceber que parece bem um ambiente, não um espaço onde se constituem as aprendizagens e suas vivências, pois nada estava retratado.

Figura 1



Fonte: elaborada pela autora.

Figura 2



Fonte: elaborada pela autora.

3.2 Como ficou

Ao conversar com as crianças e colocar para elas que nossa sala seria diferente, que iríamos fazer cantos temáticos, expor os trabalhos e que eles iriam me ajudar a organizar e escolher como ficaria, foi comovente ver os seus olhos brilhantes e a expressão no rosto, de tanta alegria. Durante a pesquisa, cada vez mais eu tinha certeza que esse era o assunto que eu queria pesquisar e no qual eu gostaria de me aprofundar. Concordo com Horn (2004, p. 33) quando fala que

os diferentes cantos das salas de aula são separados por estantes, prateleiras, móveis, possibilitando à criança visualizar a figura do adulto, mas não dele para realizar diferentes atividades. Nesse modo de organizar o espaço, existe a possibilidade de as crianças se descentrarem da figura do adulto, de sentirem segurança e confiança ao explorarem o ambiente, de terem oportunidades para contato social e momentos de privacidade.

As figuras de 3 a 6 demonstram como ficou convidativo ao brincar, ao se expressar e a livre escolha na nossa sala, sendo então chamado de ambiente ou lugar, pois ali as crianças poderiam habitá-la de maneira participativa.

Figura 3



No canto foi colocado tiras de TNT, para que a criança pudesse explorar do modo que achasse atrativo. As atividades de registro no papel foram colocadas expostas como um varal. Os caixotes de madeira serviram para colocar bonecas, ursos. A cozinha confeccionada de caixas de papelão.

Fonte: elaborada pela autora.

Figura 4



Fonte: elaborada pela autora.

Figura 5



Fonte: elaborada pela autora.

Figura 6



Fonte: elaborada pela autora.

Com uma caixa grande de papelão, construímos uma casinha de bonecas. Os móveis foram confeccionados, com caixas pequenas de embalagens, como: de sabonete, creme dental, caixa de ovo e de fósforo. E as bonecas e bonecas, foram feitos de rolinho de papel higiênico e tecidos.

Durante as brincadeiras das crianças, pude perceber que eles adoravam cantar, pegavam as panelas, colheres e já faziam virar uma banda musical. Então, junto com eles, em um dos momentos da roda, realizei uma conversa sobre a temática musical. Perguntei se gostavam de cantar, e uma delas disse: “Sim, ‘profe’, vou ser baterista.”. Outro respondeu: “Vou ser cantor e tocar guitarra.”. Perguntei para cada um qual o instrumento musical que eles gostariam de tocar e cada criança disse sua preferência. Fui anotando “gaita”, “bateria”, “tambor”, “meia lua”, “guitarra”, “violão”. Eu não imaginava que eles tivessem tanto conhecimento sobre esses instrumentos. Partindo desta conversa, mandei bilhete para casa explicando do interesse deles pela música e os instrumentos e que gostaria que cada família construísse de sucata o instrumento que a criança havia colocado na conversa. Para minha surpresa, os instrumentos vieram no prazo marcado e cada qual estava mais lindo. Os pais se envolveram na proposta e ousaram na criatividade. Pode se perceber, nas figuras 7 e 8, a alegria deles brincando com os instrumentos confeccionados pelas famílias.

Figura 7



Fonte: elaborada pela autora.

Organizamos um canto para a banda e, muitas vezes, durante nossas tardes juntos, havia uma banda musical naquele lugar. Essa banda era carregada para o local que as crianças desejavam.

Figura 8



Fonte: elaborada pela autora.

Se estendia a mesma pelo saguão da escola, principalmente no final da tarde, enquanto esperavam os pais para ir para casa, e a cantoria acontecia.

O novo espaço ficou um ambiente acolhedor e os pais ficaram encantados também. As famílias traziam para a escola pertences para compor na nossa cozinha, como: chaleira, panela de pressão, panelas, potes, jarra de flores para enfeitar, baú de madeira pequeno, colheres, flores, cuia e bomba. Estes pertences foram enriquecendo esse espaço, assim as famílias estavam participando também. O interessante foi que não havíamos pedido para as famílias que trouxessem estes pertences; eram elas que olhavam e perguntavam se poderiam trazer tal item para compor a nossa cozinha.

Figura 9



Assim foi também com os carrinhos de Hotwells, quando as famílias viram a pista que havia sido feito de rolinho de papel higiênico (figura 9). Eles perceberam esse espaço na escola e começaram a trazer carrinhos para ficar na sala.

Fonte: elaborada pela autora.

Esta parceria entre família e escola é muito importante para a criança, pois aquele espaço acabava sendo uma extensão da casa, já que ali havia um pouco do ambiente familiar. Também trouxeram brinquedos para compor o nosso espaço e cada vez ficava mais aconchegante e as crianças aproveitavam muito.

Nossa escola é do modelo da proinfância e a sala que ocupamos tem uma divisão com um murinho. Na verdade, no projeto original, tem uma divisória em cima do murinho com vidro, sendo este espaço pensado para ser o dormitório.

Figura 10



No espaço que seria o dormitório montamos um mini atelier, colocando uma estante para expor os materiais.

Fonte: elaborada pela autora.

Figura 11



As tampinhas de garrafa Pet foram colocadas, dentro de galões de água de 5 litros, separadas por cor. As areias coloridas, dentro de potes de maionese transparentes. Os outros materiais, tintas, cola colorida, lápis, giz, canetões, foram separados também por cores. As folhas foram colocadas em uma caixa as brancas, em outra as coloridas e uma caixa para papéis de tamanho diversificados.

Fonte: elaborada pela autora.

Figura 12



Peguei no supermercado quatro caixas de papelão grande, forrei com papel pardo e confeccionei duas estantes, para colocar os tecidos e as pinhas, e, na outra, os jogos. Construí jogos de memória para a turma, colocando dentro dos potes de gel para guardar. Os carrinhos de linha, deixamos embaixo do nicho, perto da porta, junto com os blocos de montar.

Fonte: elaborada pela autora.

Figura 13



As camas, que ficavam neste espaço, colocamos embaixo do nicho.

Fonte: elaborada pela autora.

Ao reorganizar esse espaço de forma com que os materiais ficassem expostos, onde as crianças pudessem vê-los, suas cores, sentir sua densidade e, na realização das atividades coletivas, pudessem escolher o que desejavam, além de poder trocar no momento que achassem necessário, demos à elas a liberdade de escolha.

Acredito que toda esta mudança neste ambiente só teve a acrescentar nas experiências das crianças e no nosso olhar enquanto professor. É mais fácil ficar na zona de conforto do que chacoalar as ideias dos professores, pensar de um modo diferente onde a criança possa vivenciar, mas a mudança é fundamental para o crescimento de todos os envolvidos.

3.3 O que aconteceu a partir disso

A partir desta reorganização, as crianças tiveram mudanças no seu comportamento, estando menos agitadas, conseguindo realizar combinações com os colegas. Em geral, a turma estava mais calma, pois havia mais opções de brinquedos e os cantos. Antes da mudança, como havia pouca opção de materiais e brinquedos, o grupo acabava se desentendendo, o que aconteceu menos depois do desenvolvimento do projeto. As crianças também começaram a cuidar mais desse espaço comum. Um exemplo, é quando um colega iria fazer algo que pudesse estragar, os outros lembravam-se mutuamente de que “tem que cuidar”, demonstrando cuidado e respeito. O fato de eles terem feito parte dessa organização acabou deixando eles mais comprometidos com o ambiente e com o que há nele.

Nossa rotina tornou-se mais significativa. Quando estava perto de iniciar alguma atividade coletiva, eu, professora, começava a avisar que estava perto de terminar a brincadeira e percebi que, agindo deste modo, as produções das crianças foram mais criativas e o interesse deles pelas atividades em grupo ficou maior do que antes. Poder escolher os materiais que estavam a sua disposição os deixava encantados.

Sendo assim, nossa sala se tornou um espaço desafiador e, portanto, propício para o desenvolvimento de brincadeiras e interações. Conseguiu-se explorar tanto brincadeiras e atividades livres como direcionadas, que proporcionaram o desenvolvimento da iniciativa e da autonomia, fazendo com que

as crianças vivenciassem ações conjuntas, solucionando problemas, tanto nas brincadeiras individuais ou em grupo, como também nas atividades individuais ou em grupo.

4 ASPECTOS MAIS SIGNIFICATIVOS: LIBERDADE DE ESCOLHA E AUTONOMIA

No decorrer da pesquisa, quando eu estava realizando os registros fotográficos, conseguia perceber os aspectos mais significativos, que foram a liberdade de escolha e a autonomia.

Figura 14



Conseguimos ver que o Bruno encantado com a sua brincadeira, ficou o tempo todo brincando assim, fazendo com que as tiras virassem uma pista, fazendo várias tentativas de subir, descer, e percebe-se que ele está concentrado nessa brincadeira.

Fonte: elaborada pela autora.

Na figura 15



O repertório de elementos que usaram para construir a brincadeira foi enriquecedor e estavam quase todos os colegas envolvidos nesta brincadeira. Estavam brincando de casinha, e consegui perceber que a autonomia acontece devido a um processo de como as crianças estavam acostumadas a fazer antes, porque, por mais que já havia combinado com o grupo que poderiam pegar o que desejavam na brincadeira, esse grupo sempre perguntava: “Prô’, pode pegar

Fonte: elaborada pela autora.

as pedras pra ser comida?”. Eu sempre respondia: “Sim, pois lembram que nós combinamos que podemos pegar o que queremos durante a brincadeira?”. Eles estavam fazendo de conta que as pedras eram comida, alguns tinham que lavar a louça, também tinha a mãe e o pai. Ficavam conversando durante a brincadeira como se fosse uma família. De repente a Stéfany chama o grupo e diz: “Vem pessoal, é hora do parabéns.”. Fiquei encantada de ver eles todos cantando parabéns, pois ali estava acontecendo uma festa de aniversário.

Figura 15



Vitor estava limpando a casa, lavando a louça. A riqueza dessa brincadeira, a interação que ele estava tendo com o objeto pareceu algo tão real, como se fôssemos nós adultos lavando a louça em casa.

Fonte: elaborada pela autora.

Na figura 17



Começaram brincando de carrinhos e aos poucos foram pegando materiais, tais como pedras e cones. Havia uma negociação entre eles a respeito de o que colocar e como; quando um colocava do jeito que o colega não queria começava a argumentação, que era melhor do jeito que o outro colega achava. Assim, eles estavam tendo um diálogo. Após a brincadeira ter sido organizada por eles, me chamam e

Fonte: elaborada pela autora.

dizem: “Olha, ‘prô’, a nossa pista de carrinho.”. No mesmo momento perguntei: “Qual o local que o carrinho passa?”. As crianças, apontando o dedo para a pista, explicaram: “Passa aqui em cima, fazendo rali e ali embaixo é o penhasco”. Fiquei encantada com toda a explicação verbal e gestual dele. Concordo com Horn (2004, p.15) quando afirma que:

O olhar de um educador atento é sensível a todos os elementos que estão postos em uma sala de aula. O modo como organizamos materiais e móveis, e a forma como crianças e adultos ocupam esse espaço e como interagem com ele são reveladores de uma concepção pedagógica.

Na figura 18



Fonte: elaborada pela autora.

não podiam sair pista, pois seria como sair estrada.

Acredito que a organização desse espaço estava convidativa e acolhedora, pois nele as crianças estavam tendo interações, descobertas, também tinham a autonomia de escolha e argumentavam sobre aquilo que eles acreditavam na brincadeira, sendo os protagonistas deste brincar. Concordo com Horn (2004, p. 85), quando afirma que:

É importante considerar que o modo de organizar os materiais e colocá-los em locais “convidativos e acolhedores” no espaço da sala de aula incita as crianças à interação, motivando o protagonismo infantil nas ações que se desenvolvem na sala de aula.

5 O INTERESSE E ENVOLVIMENTO NAS ATIVIDADES A EXPERIÊNCIA

Em uma tarde lancei um desafio para as crianças perguntando, se algum deles já havia pegado o vento; eles me olharam e fizeram uma cara de surpresos. Então peguei uma sacola, amarrei um fio no solário, coloquei a sacola lá amarrada, e disse para eles: “Vamos cuidar se a minha armadilha irá pegar o vento.”. As crianças ficaram todos curiosos, mas combinei que iríamos continuar com a atividade que havia proposto e depois iríamos ver. Eles mal conseguiam fazer a atividade, porque queriam ver o vento. De repente, uma criança levanta, dá uma espiada e diz: “Prô’, olha o vento, a sacola pegou o vento!”. Então foi aquela alegria em ver que tínhamos conseguido pegar o vento, mas, de repente, começa a chover e, assim, a nossa armadilha é destruída. As crianças me olharam apavorados, olhei para eles e disse: “Calma, vamos esperar fazer um dia sem chuva e vamos caçar o vento da pracinha.” e os olhos já voltaram a brilhar.

No outro dia, quando entrei na sala, eles já disseram: “Prô’, vamos caçar o vento!”. Olhei para eles fiz uma cara de suspense e disse: “Hoje nós seremos os caçadores do vento”. Então, fomos para a pracinha para começar a caçada ao vento e, nada melhor do que a experiência, ainda mais quando se trata de crianças, porque sentir o vento e poder pegá-lo seria incrível. Segundo Holm (2011, p. 25): “A arte e a brincadeira em perfeita harmonia. Algo que somente as crianças conseguem fazer tão bem.” Dispus de saco de lixo e sacola grande, mais tarde ofereci gravetos.

Figura 16



Guilherme pega o saco e logo acha que pegou o vento. Então fecha o saco, mas logo vê que não tem nada. Nesse instante abre o saco e o direciona para o vento, enchendo-o. Ele ficou encantado com o que vivenciou. Essa interação que ele estava tendo com a descoberta não precisou que fosse dito para ele que não havia conseguido aprisionar o vento ainda; ele acabou percebendo e armou outra estratégia.

Na figura 20



Temos situações diferentes, onde à cima aparece o Elias em duas situações: a primeira, em que ele abre o saco e olha para dentro, vendo se tinha vento dentro dele. Percebendo que não tinha, logo já abre o saco para pegá-lo. O Caio, que está acima, na direita, já sai com o saco aberto correndo à caça do vento. Sabrine e outros colegas foram tentar pegar o vento ao se embalar no balanço. Stéfany abre o saco em direção ao vento e faz gestos com a

Fonte: elaborada pela autora.

mão como se estivesse empurrando o vento para dentro do saco. Gabriely adora estar correndo e não poderia ser diferente ao caçar o vento, pegou o saco e lá foi ela correr atrás dele. Sabrine percebeu que não conseguia pegar o vento no balanço, então pegou um graveto e prendeu na sacola grande, colocou a sacola em direção do vento e ficou, girando a sacola para um lado e para o outro, se envolvendo nessa experiência. Segundo Holm (2011, p.26) “pura pesquisa poética, tendo o vento como ferramenta artística e lúdica.”

Na figura 21



Lucas se entregou por completo à experiência; criou estratégias, usou sua criatividade. Primeiramente, colocou a sacola nas costas, como aparece na foto ao meio da figura, e começa a correr. Demonstra alegria e entusiasmo ao sentir que pegou o vento. Então resolveu mudar de estratégia amarrando um graveto bem grande na sacola, ficou muito tempo brincando como se estivesse pescando.

Fonte: elaborada pela autora.

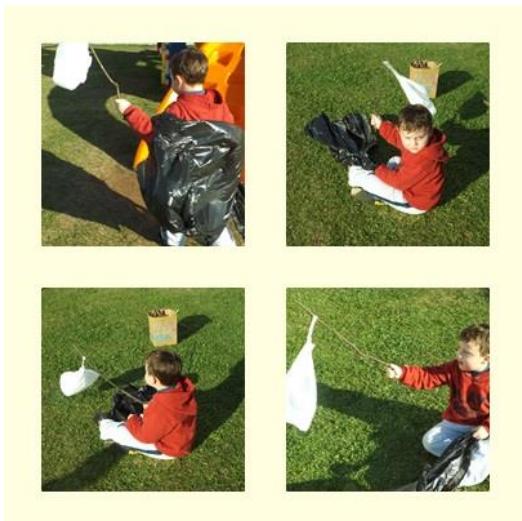
Figura 17



Fonte: elaborada pela autora.

Eu estava observando as crianças caçarem o vento, quando vi que estavam quase todos em cima do brinquedo e girando para um lado e outro, cheguei perto deles e perguntei: “O que estão fazendo?”. Me olharam com aquele olhar “Você não sabe?” e o Guilherme disse: “Prô, aqui é um barco e estamos pegando peixe”. Quantos enredos o grupo criou, sendo que primeiro cada um fez o seu enredo individual e depois fizeram em grupos.

Na figura 23



Fonte: elaborada pela autora.

Bruno quis ficar sozinho, colocou o saco nas costas e saiu para um lado e outro, logo pediu ajuda para amarrar o saco e se sentou perto dos gravetos. Depois começou a brincar de pescaria também e realmente parecia que ele estava pescando. Conseguiu se expressar bem através da sua brincadeira.

6 AMPLIAÇÃO DA EXPLORAÇÃO DOS MATERIAIS

Sentir, tocar e explorar estava presente no nosso cotidiano. As crianças ficaram radiantes com as mudanças que foram acontecendo. Ao explorar estes materiais, pude perceber as descobertas e as aprendizagens que estavam acontecendo. Eu não trabalhava com folhas prontas para eles pintarem, pois muito ouvimos que se deve dar este tipo de trabalho para que as crianças aprendam a respeitar o traçado. Após realizar este tipo de trabalho, pude perceber que as crianças conseguiam respeitar o traçado do desenho: eles mesmos desenhavam e pintavam e neste momento cuidava o traçado.

Ao explorar estes materiais que foram proporcionados para as crianças, percebe-se o quanto foi significativo para eles, pois saímos um pouco dos modelos convencionais de aprendizagens. Nos passeios pelo bairro, as crianças queriam pegar pedras e galhos, colocavam as pedras nos bolsos e, ao retornar para a escola, colocavam na mochila para levar para casa. Então, um belo dia saímos para passear e eu disse para o grupo que eles deveriam catar pedras preciosas para colocarmos na sala para brincar. Os olhos dos alunos brilhavam e conseguimos fazer uma bela coleção de pedras.

Em outro dia, saímos a passear para catar gravetos e galhos. A alegria do grupo foi intensa e as crianças sentiram que estavam ao meio da floresta, caçando esses materiais. Concordo com Zabalza (2007, p. 53) quando afirma:

Costuma-se dizer que uma das tarefas fundamentais de um professor(a) de educação Infantil é saber organizar um ambiente estimulante e possibilitador às crianças que assistem a essa aula terem inúmeras possibilidades de ação, ampliando, assim, as suas vivências de descobrimento e consolidação de experiências (de aprendizagens, afinal).



Nas figuras 24 e 25, as crianças estão brincando com os gravetos e galhos que fomos catar nos arredores da escola. Expliquei para eles que poderiam brincar como quisessem. No início, começaram a fazer casas, comentando sobre o lobo, sobre a casa da vovó. Eu havia contado para eles uns dias antes essa história, e as crianças



fizeram a relação dos galhos na floresta com o lobo. Logo após, alguns começaram a fazer fogueira, rium graveto no outro para fazer fogo. Guilherme, que aparece na primeira foto, estava concentrado e dizia; “Prô’, quer ver, vai ter fogo.”. Podemos perceber quantas aprendizagens estavam acontecendo e quantas relações com o que ouviram e o que vivem em seu cotidiano.

Fonte: elaborada pela autora.

Na figura 26



Fizemos a atividade de desenhar sobre a água usando graveto. Eles ficaram atentos quando estavam desenhando, faziam com calma e tinham medo de molhar a tinta na água. Eu dizia para eles “Pode molhar na água!” e, aos poucos, iam testando e ficavam falando “Olha, olha o meu!”.

Fonte: elaborada pela autora.

Na figura 27



Realizamos uma mágica. Mostrei para o grupo o boneco dobrado, parece uma flor falei para eles, “Agora nós vamos fazer uma mágica.”. Quando coloquei o papel dentro da água eles disseram “Prô’, vai molhar e estragar.” E eu disse “Será? Vamos ver!”. Ficaram observando atentos quando o papel começou a abrir. Começam a dar sugestões, “Deve ser uma flor, uma árvore, um menino”.

Fonte: elaborada pela autora.

Quando viram que era um boneco, ficaram encantados com o que aconteceu. Então, perguntei para eles “Vocês querem fazer a mágica de vocês?” e eles disseram “Sim”. Distribui o boneco e cada um teve que cortar primeiro o seu, depois fizemos a dobradura e em pequenos grupos, iam experimentando o que acontecia todos ficavam na volta para ver. Quantas aprendizagens aconteceram nessa simples mágica!

Figura 18



Mostra outra atividade desenvolvida com a turma. Nessa atividade, as crianças se expressaram através do desenho e da sensação; eles deveriam desenhar usando giz de quadro, molhar na água e desenhar no papel preto, para depois ver o resultado. A interação e a relação com esse material foram muito enriquecedoras para a aprendizagem das crianças.

Fonte: elaborada pela autora.

7 O BRINCAR COM SIGNIFICADO

A brincadeira deve estar presente na vida da criança, tanto na escola como em casa, pois brincar é um direito da criança e nós, enquanto professores, devemos garantir esta atividade. Muitas vezes, se vê nas escolas crianças carregadas de atividades direcionadas e o brincar fica para se der tempo. Também tem aqueles professores para os quais parece que o momento da brincadeira é o recreio deles, pois “largam” as crianças para correr e ficam conversando com as colegas. Acredito que devemos deixar as crianças brincar, fazer suas escolhas, mas o professor deve estar ali como observador, fazendo a escuta desse brincar. Concordo com a autora Janet Moyles (2002, p. 13), quando afirma:

O brincar em situações educacionais, proporciona não só um meio real de aprendizagem como permite também que adultos perceptivos e competentes aprendam sobre as crianças e suas necessidades. No contexto escolar, isso significa professores capazes de compreender onde as crianças “estão” em sua aprendizagem e desenvolvimento geral, o que, por sua vez, dá aos educadores o ponto de partida para promover novas aprendizagens nos domínios cognitivos e afetivos.

Abaixo, nas figuras 29 e 30, podemos observar alguns momentos do nosso brincar e como a interação se faz presente.

As figuras 29 e 30



Mostram quando as crianças foram brincar com a casinha de bonecas. Perceberam que não tinham bonecas, então dispus para eles tecidos, rolos de papel, canetas e propus que fizemos bonecos para brincar. Cada criança criou o seu boneco.



Fonte: elaborada pela autora.

Na figura 31



Fonte: elaborada pela autora.
brincadeiras.

Na figura 32



Elas tiveram muito cuidado e criatividade quando foram colocar as roupas. Concordo com Horn (2004, p.15) quando afirma que:

O olhar de um educador atento é sensível a todos os elementos que estão postos em uma sala de aula. O modo como organizamos materiais e móveis, e a forma como crianças e adultos ocupam esse espaço e como interagem com ele são reveladores de uma concepção pedagógica.

As crianças queriam criar cabanas com os tecidos. Elas estavam tentando e o tecido não parava em cima das mesas, então pediram a minha ajuda, por isto que o professor deve estar atento. Vi que eles não estavam conseguindo, mas fiquei esperando para ver o que iriam fazer e eles mesmos acharam que precisavam de ajuda. Na segunda foto da figura 31, vê-se que Guilherme estava brincando de super-herói, finge que caiu e o colega o arrasta com o tecido.

Quanta interação e envolvimento eles tem nas

As crianças optam por colocar adereços para fingir ser um coringa ou um tigre. Assim, eles ficavam imitando esses personagens.

Fonte: elaborada pela autora.

Na figura número 33



Bruno está se relacionando com a brincadeira que construiu: faz de conta que tem água no galão, tenta abrir, depois serve no copo e finge tomar. Ele ficou muito tempo fazendo essa repetição.

Fonte: elaborada pela autora.

Na figura número 34



Estão brincando que a casinha é embaixo da mesa, onde tem tecidos em cima, utilizando as sucatas para serem os utensílios da casa e ursos sendo seus filhos. Na outra foto, Sabrine amarra um tecido no pescoço e brinca de ser princesa, dança, canta entra nessa magia.

Fonte: elaborada pela autora.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegar ao final da pesquisa, chega o momento que devemos analisar se conseguimos sanar nossos questionamentos, nossas inquietações, estas que se fazem presentes no cotidiano escolar. Posso perceber que muito me acrescentou esse trabalho, durante todo o seu processo, pois consigo ver que saio ao final de um curso de especialização de Educação Infantil com um novo olhar. Sinto-me apoderada de novos conhecimentos e vendo a criança como um sujeito ativo e participante da construção da sua aprendizagem, pois não adianta fazer decorações belas de E.V.A. ou mudar as coisas de lugar se a criança não for coparticipante destas ações.

Durante a pesquisa, consigo perceber as possibilidades na educação infantil fora os modelos e os recortes tradicionais que muitas vezes encontramos, iniciando pela reorganização do espaço, tendo como apoio os registros fotográficos para poder fazer a análise documental.

Ao iniciar a reorganização do espaço, foi-se pensando na importância do ambiente para a aprendizagem das crianças e percebe-se que ela tem muito a contribuir para esta aprendizagem, pois antes havia um espaço que tinha sido construído pela professora, onde não havia sentido as decorações de E.V.A.. Após, foi convocado o grupo para ver o que poderíamos ter naquele espaço. Consigo ver o quanto significativo foi para as crianças, que se sentiam pertencentes ao espaço e, assim, fazendo com que o mesmo se tornasse um belo ambiente convidativo. A mudança também acontece nas ações das crianças umas com as outras, se tornando mais comprometidas com o que estava acontecendo e assim obtendo um maior diálogo com os colegas.

Como esta intervenção aconteceu junto com o grupo, tanto na organização do espaço quanto dos materiais, a mesma possibilitou perceber as interações que estava acontecendo, tanto no grupo, como de forma individual. Um dos pontos facilitadores para que isto acontecesse foi a liberdade de escolha e a autonomia que a criança foi construindo.

O interesse e o envolvimento das crianças nas atividades e nas experiências resultou na construção de significados e na aprendizagem. Sempre propus ampliar o repertório de desenhos da criança, utilizando materiais diferentes. Consigo perceber que ao final da pesquisa se torna visível o enriquecimento desse desenho.

Percebo que muitos professores acreditam que quando a criança irá fazer seus desenhos precisam mostrar modelos para elas para conseguirem desenhar. Como acredito que a criança não precisa de modelos, pois a criança vive em um mundo repleto de estímulos, possibilitei o grupo de alunos a ampliar o repertório do desenho infantil, utilizando materiais e um espaço enriquecedor. Assim, não estimulei e sim criei um ambiente desafiador, fazendo com que a criança utilizasse de suas memórias, pois nela já está registrada a sua representação dos objetos.

No brincar com significado, vejo que nada é banal, quando se refere a criança. Tem diferenças entre deixar as crianças brincar e o professor não se fazer presente neste brincar. Não quer dizer brincar junto, mas em ir arrumar a sala, conversar com a colega, guardar os trabalhos, dentre outras situações que vimos que acontece na educação infantil, pois eles estão brincando, não preciso me fazer presente. Não percebem o quanto o brincar é rico para que possa criar novas situações de desafios, de aprendizagens para a criança e quanto significa as brincadeiras deles. Devemos fazer a escuta deste brincar, durante este momento podemos descobrir muitas coisas sobre as crianças que ali estão.

Busco contribuir com a minha pesquisa para o processo formativo do professor de educação infantil, mostrando através deste que o espaço tem grande influência no cotidiano escolar e diretamente com a criança, como também explorar materiais diversificados e o brincar com significado, estes três eixos devem estar interligados um ao outro. Concordo com Redin (1998, p. 52), quando afirma que

junto com nossa luta pela melhoria da qualidade de vida de todo o povo brasileiro, se insere a luta pela melhoria na qualidade de vida dos educadores e das suas condições de trabalho e a luta pela transformação do espaço e do tempo de escola em espaço e tempo de alegria, de prazer e bem-querer.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. **Por amor e por força**: rotinas na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BRASIL. **Referencial Curricular para a Educação Infantil**. Vol. 1: Brasília: MEC/SEI, 1998.

EDWARDS, Carolyn. **As cem linguagens da criança**: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

FLORES, Maria Luiza Rodrigues; ALBUQUERQUE, Simone Santos de. **Implementação da Proinfância no Rio Grande do Sul**: perspectivas políticas e pedagógicas [recurso eletrônico]. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Pdf/978-85-397-0663-1.pdf>. Acesso em 10 fev 2016.

FORNEIRO, Lina Iglesias. A organização dos espaços na educação infantil. In: ZABALZA, Miguel A. **Qualidade em educação infantil**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

HOLM, Ana Marie. **Eco – Arte com as crianças**. São Paulo: Ateliê Carambola Escola de Educação Infantil, 2015.

HORN, Maria da Graça Souza. **Sabores, cores, sons, aromas**: a organização dos espaços na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MALAGUZZI, Loris. História, ideias e filosofia básica. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As Cem Linguagens da Criança**: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artmed, 1999.

REDIN, E. **O espaço e o tempo da criança**: se der tempo a gente brinca! Porto Alegre: Mediação, 1998.

ZABALZA, Miguel A. **Qualidade em educação infantil**. Tradução Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artmed, 1998.